



C. M. B. BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Tipografia «Vitória»

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» - BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

BIBLIOTECAS ITINERANTES

NÃO é de hoje nem de ontem que se concluiu do valor da cultura para o avanço da civilização. No entanto, só muito recentemente entre nós foi posta em prática esta fórmula por meio da Campanha contra o Analfabetismo e, num âmbito mais elevado, com as Bibliotecas Itinerantes. A difusão da cultura que tinha sido feita numa forma tão deficiente, é agora tratada mais cuidadosamente por se ter comprovado a sua falta numa maneira assustadora.

Em certas regiões do nosso País, vive-se de uma forma tão rudimentar que ao visitá-las demoradamente, sem querer, nos sentimos transportados uns séculos atrás. Duma maneira geral são poucas as pessoas com mais de 30 anos que saibam ler e escrever. Em caso de doença chamam a «bruxa» que resolverá a questão com umas rezas e umas ervinhas.

Uma queda infeliz, pôs alguém com os ossos partidos. Médicos, hospitais, medicamentos, para quê?

Em menos tempo e com menos dinheiro vem o «endireita» que solucionará tudo, dando um esticão ao membro afectado e ligando-o com os mesmos cuidados com que «encanamos» a perna a uma galinha aleijada.

Quando a crise não é debelada e o paciente depois de muito sofrer e já semi-moribundo, clama por um médico, é este chamado a toda a pressa. Se chega ainda a tempo e salva o doente, a família e o próprio enfermo não terão pejo de afirmar ser puro milagre da Virgem a quem haviam prometido 4 velas e uma esmola. No caso do doente não ter salvação possível, embora o médico na sua missão o tente aliviar ao máximo dos sofrimentos, então afirmarão que foi ele o culpado da sua morte.

Isto é um mero exemplo, pois em todos os mais casos da vida quotidiana procedem de maneira idêntica dando mostras da sua profunda ignorância.

Nas aldeias, onde só a voz do pároco é ouvida e mesmo essa às vezes tão improfiavelmente, chega agora o eco de uma vida diferente, nem sequer imaginada, através dos livros que a Biblioteca Itinerante tem distribuído.

A princípio intimidados, um ou dois aldeãos espreitavam sorratamente sem se

(Continua na 3.ª coluna)

Mário Campos Henriques

NO dia 26 de Março, dia comemorativo de mais um aniversário natalício do Snr. Mário Campos Henriques, o pessoal da TEBE, irmanado num sentimento comum, desejou prestar homenagem ao seu Chefe, pelo que resolveu ofertar-lhe, como lembrança, uma artistica salva de prata.

O Snr. Campos Henriques ao passar por entre alas do seu pessoal viu-se alvo de uma calorosa salva de palmas e pétalas de flores que continuamente sobre ele caíam.



Ao aproximar-se do Lactário, o empregado superior, Snr. Jaime Ferreira, leu um discurso em que enalteceu as qualidades do Snr. Campos Henriques.

Depois a operária Cecília Lopes Machado leu uma mensagem em pergaminho.

O Snr. Campos Henriques, profundamente comovido, agradeceu, focando vários aspectos da vida e das dificuldades da hora presente.

Finalmente foi descerrado o seu retrato numa sala onde funcionam os serviços do Clube Desportivo da TEBE.

Boletim Social da TEBE apresenta o seu cartão de cumprimentos, renovando os melhores votos de uma longa vida para o seu Director Honorário.

BIBLIOTECAS ITINERANTES

(Continuação da 1.ª coluna)

atreverem a pedir os livros. Vinham só ver e inquirir se era de graça, o que lhes custava a crer.

Perguntavam, comentavam entre si, se estes empréstimos de livros a prazo, gratuitamente, não seria uma manobra para encobrir sabia-se lá que traições.

Por fim, algum mais resoluto pensando acaso que empreendia um feito de invulgar audácia, atrevia-se a levar algum livro para casa.

Lentamente, foram comprovando que nada havia a perder, pelo contrário, e, assim, foi aumentando o número de leitores que agora acorrem em massa, sendo preciso ordená-los e fazer com que esperem pacientemente que o volume desejado esteja livre para o lerem.

É de crer, que esta ânsia de cultura se vá intensificando, dado o interesse com que todos acorrem quando chega o veículo da Biblioteca Itinerante.

Esta iniciativa, não só veio beneficiar os mais ignorantes, despertando-lhes o interesse pela cultura, como também os que por dificuldades de ordem vária, na maior parte das vezes por falta de dinheiro, viam limitados os seus horizontes a um ou outro livro, aranjado por empréstimo.

Portanto toda e qualquer gratidão que tenhamos para com a Fundação Calouste Gulbenkian, patrocinadora das Bibliotecas Itinerantes de todo o País, não chega para pagar os benefícios que esta sua iniciativa nos traz.

Vencer o Analfabetismo é muito, mas conseguir que o povo sinta a necessidade de aprender mais e mais para viver melhor, será a nossa missão agora e no futuro.

Ceresa Roriz

Pensamentos do mês

O príncipe não deve seguir as razões dos grandes, senão as grandes razões.

D.º António Vieira

Cedo ou tarde, a razão há-de vencer.

Voltaire

190
Biblioteca Municipal de BARCELOS

Distante Melodia

Num sonho de Íris morto a oiro e brasa,
Vem-me lembranças doutro Tempo azul
Que me oscilava entre véus de tule —
Um tempo esguio e leve, um tempo-Asa.

Então os meus sentidos eram cores,
Nasciam num jardim as minhas ânsias,
Havia na minha alma Outras distâncias —
Distâncias que o segui-las era flores...

Caía Oiro se pensava Estrelas,
O luar batia sobre o meu albear-me...
— Noites-lagoas, como éreis belas
Sob terraços-lis de recordar-me!...

Idade acorde de Inter-sonho e Lua,
Onde as horas corriam sempre jade,
Onde a neblina era uma saudade,
E a luz — anseios de Princesa nua...

Balaústres de som, arcos de Amar,
Pontes de brilho, ogivas de perfume...
Domínio inexprimível de Ópio e lume
Que nunca mais, em cor, hei-de habitar...

Tapetes de outras Pérsias mais Oriente...
Cortinados de Chinas mais marfim...
Áureos Templos de ritos de cetim...
Fontes correndo sombra, mansamente...

Zimbórios-panteons de nostalgias,
Catedrais de ser-Eu por sobre o mar...
Escadas de honra, escadas só, ao ar...
Novas Bizâncios-Alma, outras Turquias...

Lembranças fluidas... Cinza de brocado...
Irrealidade anil que em mim ondeia...
— Ao meu redor eu sou Rei exilado,
Vagabundo dum sonho de sereia...

Mário de Sá Carneiro

As malhas TEBE, símbolo do bom gosto e perfeição, são e serão as malhas de todos.

FESTAS DAS CRUZES

BARCELOS, cidade de belas tradições, vai celebrar, mais uma vez, as tradicionais Festas das Cruzes. O programa, como sempre, vem chamar à cidade do Alcaide muitos milhares de forasteiros, que não se cansarão de admirar as belezas naturais que a Providência lhe concedeu.

Tudo se conjuga para que Barcelos mantenha as suas tradições, eles vivos do passado ao presente, que são e serão o seu autêntico cartaz.

Barcelos deve manter sempre nas Festas das Cruzes números tradicionais; mas melhorando-os e engrandecendo-os para que, de ano para ano, o forasteiro possa dizer: «O número... de este ano foi mais grandioso do que o do ano passado».

Não ficaria nada mal se no programa das Festas das Cruzes figurasse uma procissão, que seria, a bem da tradição, a nota mais significativa de todo o cartaz. Faça-se uma procissão grandiosa e que traduza, em verdade, o sentimento mais vivo e mais forte do nosso povo: **A FÉ.**

Ao preferir **TEBE** sabe escolher, porque estas malhas além de elegantes, cómodas, são feitas por portugueses e em Portugal.

Visado pela Comissão de Censura

PALABRAS

En la tarde olvidada del geranio
llueven palabras.

Sobre la noche callada de los muertos
llueven palabras.

Amaneceres sucios de nocturnos labios
llueven palabras.

Palabras.
Palabras.

Crepusculares torturas traen las frases
que dicen desamores,
que dicen falsos orígenes y callan
después acobardadas.

Palabras.
Palabras.

Y yo, cerrado, callo y considero em fuego
la vida que em lleva
y me trae.

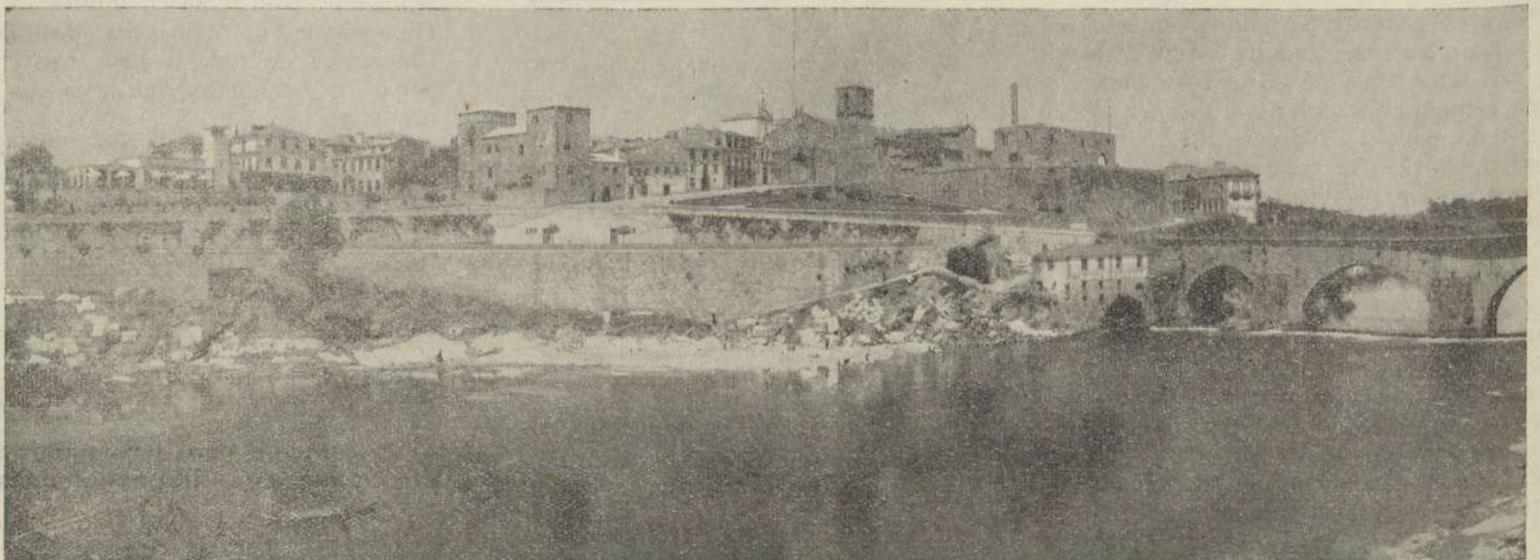
SIGNOS

Aún no sé si la flor abrirá el cáliz
para sangrar con vino de tu copa.
Pero tiembla la mano que conoce
una página escrita con los días.

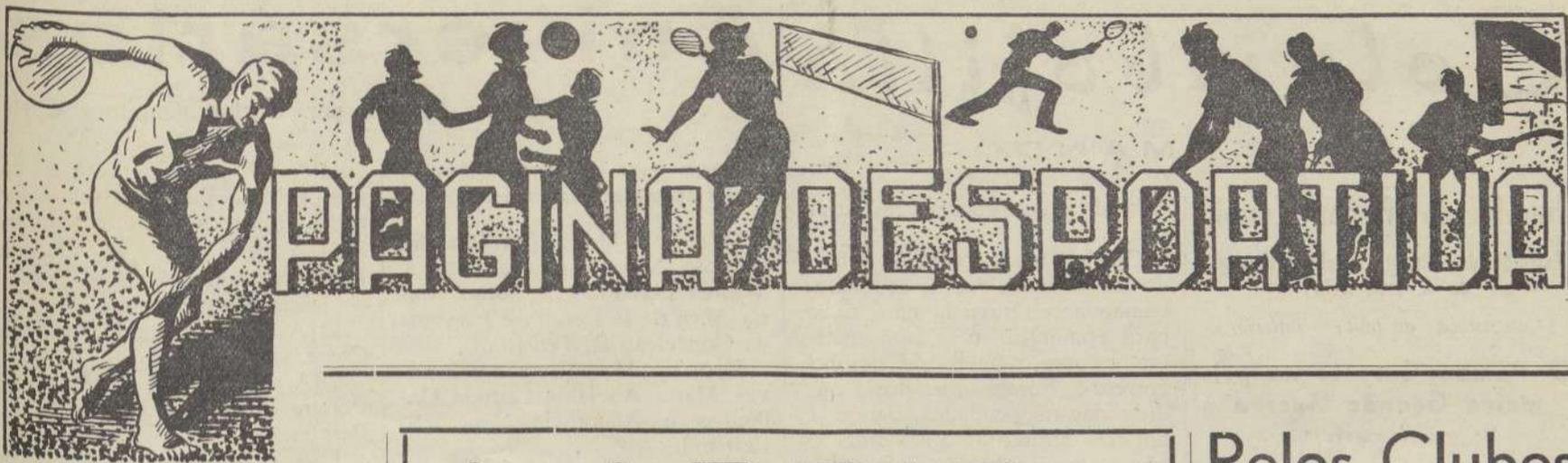
Tiemblan mis verbos,
acaso desnortadas agujas vacilantes,
y mi voz se adormece tibiamente
como la paz que un ocaso joven
derramar quisiera en tu alegría.

Y vivo esperando como polen.
Al borde de mi cuerpo espero tu llegada:
limpio rumor descifrado y mio
que me descubrirá tus claros signos.

Rafael Millán



BARCELOS — Paisagem do Rio Cávado, onde no dia 3 de Maio será queimado o fogo aquático



FUTEBOL

Terminou no passado dia 21 o torneio máximo do futebol português.

Nunca, em Portugal, um campeonato de futebol teve desfecho tão incerto e de certo modo imprevisível, como o que decorreu em 58.59. O Benfica, depois duma primeira volta, em que primou pela regularidade, decaiu na parte final, vindo a ser batido pelo F. C. do Porto no derradeiro minuto da última jornada.

Ainda não foi desta vez que os Belenenses alcançaram o seu objectivo: o campeonato. É certo que a sorte desfavoreceu várias vezes o clube do Restelo, mas há qualquer coisa no onze, que não carrila bem, pois é inadmissível uma quebra tão pronunciada como a que se verificou a partir do jogo com o Benfica no Restelo, numa turma que acalentava, aliás legítimas, aspirações ao título.

O Sporting lisboeta, campeão da época passada, decepcionou. A renovação que ultimamente tem levado a efeito, há muito que se impunha. O desaire desta época espicaçou os responsáveis, que não levarão muito tempo a colher os frutos.

Guimarães, a equipa revelação, Setúbal e Braga, alcançaram classificações de harmonia com o seu comportamento na prova, parecendo em certa altura que as duas primeiras iam quebrar a tradição quanto a classificações dos «quatro grandes». A Académica, como em épocas anteriores, passou por situações aflitivas, acabando por as conjurar, enquanto foi notória a baixa do Lusitano de Évora. Covilhã, Barreirense e Cufos dois últimos vão fazer os jogos de competência, depois de um final de campeonato emocionante e dramático, conseguiram evitar a baixa de divisão, o que não sucedeu ao Caldas e Torreense, as mais fracas do torneio.

*

Na primeira fase para apuramento da Taça de Portugal, o Gil Vicente, tal como no cam-

A ABRIR...

É lamentável o que se vem a verificar nas competições desportivas, no que respeita a disciplina.

Têm as entidades responsáveis, com a aplicação de pesadas sanções aos prevaricadores, procurado sanar o mal, mas a verdade é que os resultados têm sido pouco animadores. Porquê? Talvez não se castigam os verdadeiros culpados, aqueles que pela sua maneira de agir muito poderiam contribuir para que a incorrecção que grassa nos estádios não fosse tão pronunciada, mas que, por ignorância ou pouco senso ou ainda por ambição, mais a ateiam.

*

Geralmente, quando surge algum caso que põe em causa a boa disciplina, os acusados são os atletas, sem se atentar que as atitudes que tomaram são muitas vezes fruto da forma como são orientados e por tal da maneira como foram escolhidos esses orientadores. Sim. Treinadores e dirigentes, eis duas causas que poderão ou não levar um atleta a atitudes condenáveis em plenas pugnas. Como?!

*

É factor primordial no atleta, o domínio próprio. O praticante que se controla, além de cumprir um dos deveres que o desporto lhe impõe, dificilmente cairá em excessos que atentem contra a ética desportiva.

Evidentemente que entre estes, há os «temperamentais» aqueles que pela sua maneira de ser impulsiva, ocasionam o perigo a que temos vindo a aludir. É nestes que a influência do treinador pode ser decisiva, pois a missão do orientador não se deve resumir somente a ensinar mas também educar, que no caso, é refrear os atletas impulsivos, primeiro pela persuasão até ao castigo e dispensa definitiva. Para isto, é preciso que os responsáveis dos clubes ao contratarem os orientadores, atentem nas qualidades dos mesmos, pois da correcção dos treinadores depende a dos atletas. Procedendo assim uns e outros, estamos certos de que não se registariam tantas cenas deploráveis nos recintos desportivos.

Infelizmente a conquista de títulos está acima de qualquer outro ideal, e o resultado...

ALAC

A propósito de um voto de agradecimento

No ofício em que o Vitória Sport Clube de Barcelinhos nos comunicava a constituição dos novos Corpos Gerentes, vinha o seguinte: — "...e nesta Assembleia Geral foi proposto um voto de

agradecimento ao conceituado Jornal que V. dirige, pela valiosíssima colaboração prestada a esta colectividade."

peonato, continua a primar pela irregularidade.

Depois da derrota em Barcelos frente ao Chaves, vem o empate em Viana do Castelo. O que se seguirá?

Alac

Nada tem a agradecer o popular Clube, pois este Jornal encontra-se sempre à disposição de todos os Clubes, porque é precisamente a nossa missão colaborar com eles, seguindo atentamente o seu dia a dia, criticando, para que o Desporto na nossa terra atinja aquela projecção que todos desejamos.

Pedimos sim, compreensão,

Pelos Clubes

Oquei Clube de Barcelos

Realizou-se no passado dia 28 de Fevereiro, a Assembleia Geral do Oquei Clube de Barcelos para eleição dos Corpos Gerentes, os quais ficaram assim constituídos:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, Cândido Cunha; Vice-presidente, Jorge Cunha; Secretário, José Perestrelo e vogal Fernando Matos.

DIRECÇÃO

Presidente, Fernando da Costa Fernandes; Vice-presidente, Carlos Cunha; Tesoureiro, Cândido Cunha (Filho); Secretários, Simplício de Sousa e António Costa e vogais António Milhazes, Alberto Martins, António Teixeira e José Vasconcelos.

CONSELHO FISCAL

Presidente, José Maria Fiuza; Secretário, António Luís Correia e vogal, Manuel João Carvalho.



Vitória Sport Clube de Barcelinhos

Em Assembleia Geral, foram eleitos os novos Corpos Gerentes do popular Clube de além Cávado, os quais ficaram assim designados:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, José Pimenta do Vale; Vice-presidente, António Torres; Secretários, Luís dos San-

que vejam na nossa tarefa não a crítica maldosa mas apenas o intuito de bem servir, intenção esta que infelizmente nem todos têm atentado vendo na nossa forma de actuar segundas intenções. Sim! Compreensão eis o que pedimos, pois a nossa boa vontade tê-la-ão sempre e em quaisquer circunstâncias.

Jone & Tone

Columbofilia

Por FERNANDO

História do Pombo Correo

(Extraído da «Revista Pombos Correios», de M. Leão Maia)

(Continuação do número anterior)

O Pombo Correo na primeira Grande Guerra

(1914-1918)

MAS a prova máxima da sua capacidade foi-nos dada durante a Grande Guerra, de 1914-1918, em que, a par dos meios de comunicação que a ciência puzera à disposição do homem, eles cumpriram sempre, marcando profundamente o seu lugar, sempre prontos a abalarem através de todos os céus, com todos os tempos, rompendo barragens de fumo e nuvens de gases tóxicos, chegando algumas vezes fortemente intoxicados a ponto de não resistirem, mas chegando sempre, como que compreendendo o que lhes era solicitado.

Os pombos do Forte Vaux foram, talvez, os que mais profundamente vincaram, na história do pombo correo, o seu valor incal-

tos e Adolfo Pimenta do Vale e vogal, António Barbosa Gomes.

DIRECÇÃO

Presidente, Padre Abílio Mariz de Faria; Vice-presidente, Padre Manuel Sá Domingues de Oliveira; Secretários, José António Beza e José Pinto de Azevedo; Tesoureiros, João Tomás de Brito da Silva e José Pimenta dos Santos Vale; Vogais, Alfredo Magalhães, Manuel Magalhães Coutinho, Armando Nascimento e Armando Torres.

CONSELHO FISCAL

Mário Domingues Araújo, Reinaldo Maciel e Eduardo Paixão Amaral, respectivamente, Presidente, Vogal e Relator.

III

Associação de Pat. do Minho

Na circular n.º 1/59, a Associação de Patinagem do Minho, informa que «a secretaria funciona às segundas, terças e quintas feiras das 21,30 às 23; quartas feiras das 18 às 19 horas.

Também se encontra aberta a inscrição de clubes, sendo a taxa de 100\$00, assim como a inscrição para a Taça de Honra do Minho, que encerra no dia 4 de Abril, estando convocada para esse dia uma reunião dos delegados dos Clubes concorrentes para efectivação do sorteio da referida taça.

A taxa e inscrição é de 30\$00.»

JONE & TONE

culável, a sua enormíssima utilidade!

Cercado nesse forte, um punhado de soldados sob as ordens do comandante Raynal, não tinha, para comunicar para fora, senão um escasso número de pombos correios. Foram utilizados à medida das necessidades, dando as notícias referentes aos combates que se desenrolavam e afirmando sempre a sua resolução de não se renderem, até que chegaram à altura de terem um único pombo, que somente seria utilizado em caso extremo.

Foram, então, suspensas as informações ao comando até que, passadas cerca de 36 horas, depois da última mensagem, o comandante Raynal, reconhecendo a gravidade da situação e pedindo urgentemente para os ajudarem a desembarçar-se do inimigo, terminando com a informação de que era o último pombo que existia no Forte de Vaux!

Era como segue a mensagem:

«Nous tenons toujours. Nous subissons une attaque, par les gaz et les fumées très dangereuse. Il y a urgence á nous dégager. Faites-nous donner communication optique par á nos appels. C'este mon dernier pigeon.»

TRADUÇÃO:

Às 11,30 resistimos ainda. Recebemos um ataque muito perigoso por gases e fumo. É urgente desembarçar-nos. Dai-nos já comunicação óptima por Souville, que não responde às nossas chamadas. É o meu último pombo.

Este animal chegou ao seu destino, depois de ter atravessado nuvens de gases e barragens de fumo, com uma intoxicação a que não pode resistir, apesar dos esforços que empregaram para o salvar.

Mas, desta vez, a gratidão dos homens para com os pombos foi bastante diferente da que tiveram em 1870. Assim, em 24 de Junho de 1929 um dia depois de, em Verdun, se terem realizado as festas da Vitória com a inauguração do monumento aos soldados mortos pela França, foi descerrada uma lápide aos columbófilos mortos e ao pombo de Verdun, na esplanada do Forte de Vaux. E nessa lápide figura o texto da última mensagem do Comandante Raynal, a descrição do estado em que chegou ao pombal e a citação de lhe ter sido atribuído diploma de anilha de honra.

Durante a mesma guerra foram, também, empregados pombos correios como fotógrafos. Uma pequena máquina, accionada por um mecanismo de relojoaria e que não pesava mais de 80 gramas, era-lhes fixada ao peito, com uma objectiva para baixo e outra para a frente, de forma a

Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no corrente mês, os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Maria Carolina M. Barbosa, Maria Augusta Pombal, Manuel Fernando de Sousa, Maria Alice de F. Pereira e Joaquina da Conceição B. Teixeira.

DIA 2 — Maria Lucília Gonçalves, Maria Adelaide Correia Calheiros e Alzira da Conceição Fernandes.

DIA 4 — Joana Pereira da Silva.

DIA 5 — Manuel Cândido Gonçalves e Ana Amaral.

DIA 6 — Jaime Ferreira, Maria do Carmo P. Figueiredo, Maria José Cardoso e Maria da Conceição G. Faria.

DIA 7 — Maria Machado Ribeiro e Deolinda Correia dos Santos.

DIA 8 — Germano Correia Pereira e Maria da Conceição F. de Carvalho.

DIA 9 — Carlos Januário M. Pereira e Maria José Arantes Pinto.

DIA 11 — Carlos Quinta e Costa.

DIA 13 — Manuel da Silva Correia e Maria da Conceição Dias do Vale.

DIA 15 — Maria da Glória da Costa Torres, Olívia dos Prazeres Gonçalves, Ana de Andrade Pereira e Maria Margarida M. Pereira.

DIA 16 — Augusto de Sousa Machado.

DIA 17 — Rosa de Azevedo Lopes, Maria Pereira Alves e Maria de Lourdes Loureiro Martins.

DIA 19 — Maria de Castro Pinto, Mercedes Martins Pereira e Messias Augusta Lopes Pereira.

DIA 20 — Maria Dantas da Costa.

DIA 22 — Maria Arminda F. Pereira e Maria do Carmo F. Pereira.

DIA 23 — Maria Rosa Gomes Gandra, Isabel Miranda de Sousa e Maria Manuela de C. Miranda.

DIA 24 — Maria da Glória G. Loureiro.

DIA 25 — Carolina do Rosário P. Barbosa.

DIA 26 — Maria Emília S. Figueiredo e Manuel Fernandes Rente.

DIA 27 — Maria Lúcia R. Pereira, António Ferreira Caldas, Maria Celeste Alves de Miranda, Maria Alves Rodrigues e Manuel de Miranda.

DIA 28 — Maria Luciana F. Dantas e Laurinda do Carmo S. Fernandes.

DIA 29 — Adriano Pereira de Faria, Arlinda da Costa Marinho, Arminda Braga Oliveira e Maria Rosa Rodrigues.

DIA 30 — Francelina da Cunha Correia.

DIA 31 — Maria Alice Ricarda Moreira.

A todos, os nossos parabéns.

impressionar um minúsculo filme com as regiões, e o que nelas se passava, que os pombos atravessavam.

É claro que, como é costume dizer-se, — quando se descobre o veneno, descobre-se o antídoto; assim, tentou-se durante a penúltima guerra, combater o pombo correo pondo-lhe o falcão adextrado na caça. Mas como, felizmente para estas simpáticas azeitinhas, muito pouco rapaces haviam ensinados, pouco de mau para eles resultou.

No entanto, que se deve contar com esse inimigo, foi provado ultimamente, na campanha do norte de África, na guerra de 1939/45, em que, por ser um sítio onde são relativamente abundantes os falcões de caça, o serviço de pombos correios foi bastante afectado por eles até determinada altura.

Mas... o engenho humano é capaz de tudo. Algumas largadas de pombos vulgares portadores de cartuchos explosivos ao dorso, que deflagravam ao serem tocados pelos falcões... matavam os dois ou, pelo menos, feriam gravemente. E foi desta forma que se afastou esse perigo, imolando uns tantos pombos vulgares em benefício da espécie dos pombos-correios.

(Continua no próximo número)

Damos neste número a classificação dos primeiros dez classificados no Concurso de Coimbra:

1.º — António Pereira	30 pontos
2.º — Armindo Matos	29 "
3.º — José A. M. Simões	28 "
4.º — Manuel C. da Silva	27 "
5.º — José A. M. Simões	26 "
6.º — António Queirós	25 "
7.º — José A. M. Simões	24 "
8.º — António Queirós	23 "
9.º — António F. da Silva	22 "
10.º — Ernani Santos	21 "

Por Equipas

José A. Monteiro Simões 78 pontos
Média do 1.º pombo 1.189 m/m



Classificação do Concurso de Albergaria dos Doze, ate ao 10.º:

1.º — António Queirós	30 pontos
2.º — Francisco C. Pereira	29 "
3.º — Francisco C. Pereira	28 "
4.º — José V. Vasconcelos	27 "
5.º — António F. da Silva	26 "
6.º — Manuel Miranda	25 "
7.º — Manuel Miranda	24 "
8.º — Manuel O. Martins	23 "
9.º — Manuel Miranda	22 "
10.º — Manuel Miranda	21 "

Média do 1.º pombo 1.330 m/m

Classificação Geral

1.º — José A. Monteiro Simões, com 84 pontos.

Tradições populares de Barcelos

« Transc. de A. Gomes Pereira »

Lenda do Senhor da Cruz

DIZ o povo que o Senhor da Cruz, que se venera na rotunda do Campo da Feira, é irmão do Senhor de Matosinhos e do Senhor de Fão.

Foram todos três lançados ao mar lá numa terra muito distante. Vieram sempre juntos pelo mar abaixo, até que uma onda arrojou um deles para a praia de Matosinhos; continuaram os dois a sua viagem para o norte até à foz do Cávado. Um foi arremessado para a praia de Fão e o outro levado pela maré acima.

Uma multidão de gente que passava perto do rio, admirada daquele espectáculo, aproximou-se da margem, tirou-o para fora e foram caminhando com ele para o interior da província; mas, fazendo-se-lhes noite em Barcelos, tiveram de o guardar ali dentro numa capela e ficou-se conhecendo que era sua vontade ficar ali.

O Senhor da Cruz tem a sua festa, chamada das cruces a 3 de Maio; o Senhor de Fão na segunda feira de Pascoela, e o de Matosinhos em dia do Espírito Santo.

Quadras populares de Barcelos

*Dizes-me que sou pequena:
Sou Tamanha como vós:
Sou fininha como a linha,
Delgada como o retrós.*

*O meu amor inda ontem
Pela minha porta passou:
Por causa da vizinhança
Nem o chapéu me tirou.*

*O meu amor não é aquele,
Que o meu amor trás chapéu:
O meu amor é tão lindo,
Parece um anjo do céu.*

*Dava-te o meu coração
E a chave para o abrir:
Não tenho mais que te dar,
Nem tu mais que pedir.*

*O meu amor é tão lindo,
De tão lindo me aborrece:
Ainda os vejo mais lindos
E a mim não mo parece.*

*Ó minha caninha verde,
Verde cana sem lei:
Dá-me a tua liberdade
Que eu a minha já ta dei.*

USE SÓ MALHAS



CIRCULAR

Do ilustre Delegado do I. N. T. P., de Braga, recebemos a seguinte circular, que muito respeitosamente agradecemos:

Ao assumir as funções de Delegado do I. N. T. P. neste Distrito, tenho a honra de apresentar a V. e aos seus Ex.^{mos} colaboradores as minhas saudações e os melhores cumprimentos, no sincero espírito da mais franca e leal colaboração, ao serviço dos altos princípios que informam a Doutrina Corporativa.

A Bem da Nação

Braga, 9 de Março de 1959.

O Delegado,

António Rebelo Frutuoso de Melo

A ESCOLA E A CRIANÇA

Pelo PROF. MANUEL RODRIGUES

A necessidade de se amparar a criança é hoje de tal maneira universalmente reconhecida que quase se torna supérfluo defendê-la.

Guiar a criança no lar, na escola e na rua é, portanto, imperativo da própria civilização.

A dificuldade surge apenas na interpretação do que se deve considerar «amparo». É aí que há diferenças e, consequentemente, resultados dispares.

Havia outrora quem tivesse a impressão de que a criança não tinha personalidade. Para uns, era uma espécie de boneco articulado. Davam-lhe mimos ou pancada, mas não a respeitavam como pessoa. Outros, viam nela, apenas, a continuidade da linhagem e procuravam moldar a sua alminha nascente de acordo com a sua sensibilidade de adultos, supondo que a criança podia sentir, ver e compreender como eles. Para esses, o cérebro infante não era senão uma espécie de receptáculo onde se sobrepunham, devidamente etiquetadas e numeradas, ideias, imagens e conceitos impostos pela força.

Só com o decorrer dos séculos se havia de chegar à conclusão de que a criança é um ser que começa a despertar para a vida e que, por isso mesmo, não pode ter nem a sensibilidade, nem a inteligência dos adultos. É que, de facto, o mundo da criança tem a sua psicologia própria, psicologia que evoluciona naturalmente, segundo as influên-

cias do meio. Humanizar esse meio, pela grande virtude do exemplo: eis a grande missão do pai, da mãe e do professor.

Amparar a criança deve significar sobretudo isto: educá-la carinhosamente com imagens, ideias e conceitos que a sua débil inteligência sem mácula e sem experiência compreenda. Seria pueril pretender que a criança pense como o educador, pois há entre ambos uma diferença que é impossível ignorar, e o ímpeto da aproximação deve ser tentado por este, visto que é o guia. Não se deve contudo esquecer que a criança é o encanto do lar, a alegria da vida e a esperança do futuro, pelo que deve ser forte e sábia, nobre, generosa e justa, sem que para isso tenha de deixar de viver a sua própria vida, primeiro despreocupada, inocente e espontânea, para ir adquirindo, pouco a pouco, sob a influência amorosa da mãe, o amparo decidido do pai e o augusto esclarecimento do professor, a experiência dos primeiros anos da escola primária, o grande marco miliário da criança, pois é aí que o mundo principia a revelar-se-lhe e ela começa, afinal, a descobrir que existe, perguntando, inquirindo e observando.

Por isso, amar a Escola, rodeá-la de prestígio, de sol, de luz, de conforto e de professores dedicados, bons e competentes, é política nacional acertadíssima.

(De A Gazeta Literária)

TEBE

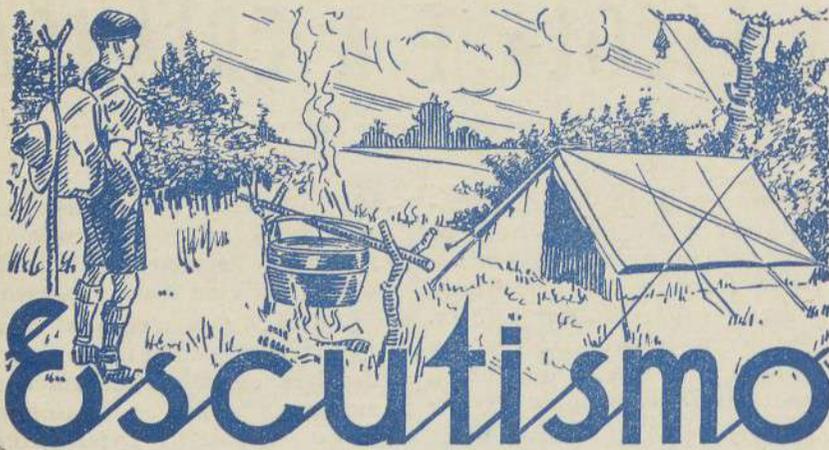
Um nome que não deve confundir

Padrão qualificado de malhas sem rival

AS MALHAS TEBE

CAMINHAM POR TODAS AS RUAS DE PORTUGAL

Não receiam confrontos...



Por JAIME FERREIRA

O Escutismo é um jogo

JÁ aqui o dissemos: o Escutismo é um jogo e como tal, tem de ser dado a conhecer aos elementos que principiam — aspirantes a lobitos ou aspirantes a exploradores. Esse jogo vai-se desenvolvendo, vai-se modificando, cada vez com mais interesse à medida que o rapaz vai progredindo nos conhecimentos que lhe são ministrados.

Só assim poderá o futuro escuteiro manter o interesse pelo movimento, desenvolvendo a sua capacidade social e física e tomando conhecimento, cada vez mais aperfeiçoado, do CAMINHO A SEGUIR.

É, portanto, sob esta orientação, que os Chefes e os Guias deverão procurar instruir os seus rapazes, para que eles tirem sempre, em cada reunião, os conceitos que lhe foram dados por intermédio de provas ou de actividades adequadas e sempre diferentes. Supondo-se que num Grupo há mais do que uma patrulha, cada uma destas deverá ter a sua secção separada, chamada « canto de patrulha », que conservará sempre limpa e em boa ordem.

Neste « canto » guardará a patrulha, todos os utensílios próprios, tantos individuais como colectivos, tendo em lugar próprio um pequeno quadro onde conste o inventário do que existe nessa secção.

No fim de cada reunião, seria do maior interesse, a realização de um conselho de Guias, para tratar dos negócios do Grupo, trocar impressões sobre o programa da reunião seguinte e preparar material para futuras actividades. Caso não seja possível então — e isto seria o ideal — os Guias reuniam-se em conselho num dia de semana diferente, como se disse no artigo anterior, para tomar aquelas deliberações. Devem atribuir-se aos guias, tanto quanto possível funções de responsabilidade.

Biblioteca

Cada grupo deve ter a sua pequena biblioteca. A cada livro deve colar-se uma pequena etiqueta numerada. Num pequeno livro deve fazer-se uma relação

de todos os livros com indicação do respectivo número.

Desta forma sempre que se empreste ou se perca um livro, sabe-se rapidamente o seu título e autor.

Pode destinar-se uma noite para o empréstimo de livros, devendo determinar-se o tempo para leitura e entrega.

Para isso, num caderno, deve inscrever-se o nome dos requisitantes e numas colunas apropriadas, as datas de entrega e de devolução e bem assim o n.º do livro. Quando este é devolvido, basta riscar o número. O bibliotecário deve ser sempre um dos escutas.

Deve criar-se o gosto pela leitura de bons livros. Para tal, devem os escutas cotizar-se para a aquisição gradual de livros para a juventude, escolhendo-os de preferência num depósito escutista ou pedindo sugestões à Junta Central.

Saudações

O escuteiro saúda os seus chefes e os outros escuteiros com 3 dedos — o médio, o anelar e o indicador, dobrando os restantes o polegar e o mindinho. Significam os três dedos levantados — os três princípios do Escutismo, que são:

1.º — O escuta orgulha-se da sua fé e por ela orienta toda a sua vida.

2.º — O escuta é filho de Portugal e bom cidadão.

3.º — O dever do escuta começa em casa.

Todo o escuteiro deve ter sempre bem presente estes princípios fundamentais do Escutismo, em que assentam os deveres para com a Lei e para com a promessa.

Os dois dedos dobrados — o polegar sobre o indicador — significam: o forte protege o fraco, isto é, a defesa dos fracos pelos mais fortes. E o escutismo ensina os fracos a serem fortes, pela fé, pela palavra e pela acção.

Há várias espécies de saudações, nomeadamente para os escutas, sem estarem fardados e para os escutas fardados. Estas ainda se ramificam em diversas espécies, como por exemplo: com e sem vara.

A saudação do escuta sem

O inimigo do sono

Por GIOVANNI PAPINI

(Continuação do número 67)

«EU gostava que alguém me dissesse quais são as vantagens deste tão cobiçado sonho. Não é com certeza o repouso, porque muitíssimas pessoas levantam-se mais cansadas e embrutecidas do que estavam de noite antes de se deitarem. Nem os sonhos, porque ou são maus, e então fazem sofrer tremendamente, ou são lindos e agradáveis, e então nos fazem despeito e saudades quando despertamos no meio do terrível mundo em que vivemos. Para qualquer parte vejo somente uma vergonha intolerável e um dano manifesto. E eu quero, se as minhas forças o permitirem, libertar os meus semelhantes desta vergonha e deste dano. Se as minhas palavras forem escutadas, se os meus conselhos forem seguidos, se as minhas teorias forem aplicadas, nunca mais veremos esta miserável humanidade cair todas as noites num estado de insensibilidade e de acabrunhamento que mete medo, não veremos já entrecortadas por repousos tardios as obras grandiosas e os elevados estudos que devem conduzir os homens aos seus mais altos destinos. Com a minha ideia eu dou ao homem a sua dignidade para estar sempre vigilante e pronto, e acrescento de trinta ou quarenta por cento a rapidez do progresso. Acha pouco?»

— Pelo contrário — respondi eu, um pouco perturbado perante aquele dilúvio de palavras. — Mas, se não me engano, o sono, até agora, é considerado uma necessidade para a vida, e se V. não tiver já pronta alguma coisa que lhe substitua os efeitos, receio que o seu generoso ideal seja destinado a morrer num destes sonhos que V. despreza. Desculpe a franqueza da pergunta, mas responda: Tem o senhor em seu poder o segredo e o específico para não dormir?»

O rosto redondo e gorducho do doutor Schlaf anuviou-se.

— É isso mesmo — respondeu com voz mais calma — a minha maior preocupação. Este segredo, como V. diz, é preciso encontrá-lo e encontrá-lo-ei. Trata-se de um simples acessório prático do meu sistema, mas reconheço que tem uma certa im-

portância para o triunfo das minhas ideias. Porém conforto-me pensando que a teoria é verdadeira e de que não deve ser difícil pôr em prática a verdade. Os habituais excitantes não servem para o meu caso: não são bastante potentes e os efeitos duram muito pouco. É preciso obter, se me permite de falar assim, uma insónia fisiológica e não já esse estado doloroso e perigoso que é tratado sob o nome de insónia. V. tem razão: é absolutamente necessário que eu continue com as minhas experiências sobre os anti-hipnóticos. Tal como existem os métodos para fazer dormir quem não tem sono, outros devem haver para manter acordado quem tiver sono. Se V. me der licença, ler-lhe-ei uma memória — recusada como as outras, pela Academia de Medicina — na qual estão expostas as minhas pesquisas sobre este assunto.

E o doutor Schlaf levantou-se, correu para o seu gabinete e voltou para a sala com um grande fascículo que me entregou dizendo:

— É pena que não lho possa deixar levar para casa. Só tenho esta cópia e não desejaria perdê-la.

Abri o fascículo e folheei com atenta curiosidade as enormes páginas do original cobertas por uma letra minúscula, não fácil de ler-se. A memória, por quanto prolixa e extravagante como os discursos do seu autor, pareceu-me interessante e não levantei os olhos das folhas durante um bom bocado. Quando, no final de um capítulo, ergui a cabeça para repousar um momento, um curioso espectáculo se depa-rou na minha frente. O doutor Schlaf estava sentado numa poltrona pouco afastada de mim, com a cabeça apoiada pesadamente no espaldar da poltrona. Os seus olhos estavam fechados e a boca mostrava-se levemente entreaberta. Se não fosse o doutor Schlaf em pessoa, o « eterno acordado », teria jurado que aquele homem dormia. Enfim, para lhe evitar possíveis humilhações e a mim inúteis discussões, aproveitei a ocasião e saí nas pontas dos pés da sala e da casa.

F I M

estar fardado é feita com os três dedos levantando o braço só até à altura do ombro.

A saudação feita pelo escuta fardado é feita levando os três dedos ao chapéu ou boina.

Para o escuta com vara, a saudação deve ser feita sustentando a vara na mão direita, suspendendo esta a 2 ou 3 cm. do solo e com a mão esquerda e com a mesma posição dos dedos, cruzar a vara com a saudação,

mais ou menos junto do coração. A maior correcção nas saudações mostram o bom desenvolvimento da patrulha e indicam que o escuta esteve atento às indicações do seu Chefe e do Guia da sua Patrulha.

Portanto, não se esqueça nunca, que o escuta orgulha-se da sua fé e é bom cidadão, e os seus deveres começam em casa.

(Continua)